

**UMA EXPERIÊNCIA «QUESTIONANTE»
UNE EXPÉRIENCE «QUESTIONNANTE»**

TRADUÇÃO DE ANA BARBEIRO



Pierre Tap

Resumo: A partir do relato de uma viagem de comboio, o autor elabora algumas reflexões pessoais sobre alguns dos conceitos fundamentais da terapia centrada no cliente; tece algumas comentários sobre esta que considera ser uma experiência fundamental no seu desenvolvimento pessoal.

Quinta-feira, 24 de Março de 2005

De Pamiers devo ir para Toulouse, para uma reunião de sensibilização à terapia rogeriana. (à noite, no “Centre Naissance à l’écoute”: Centro de Nascimento do Ouvinte) e para a defesa da tese de Alexandra no dia seguinte. Pretendo apanhar o comboio, mas está previsto um autocarro até à estação de Auterive (a 30 km; 20 minutos) onde apanharemos o comboio para Toulouse.

Há bastantes pessoas. Sento-me do lado da janela e deixo um lugar livre à minha direita, do lado do corredor. Vejo chegar um homem, “estilo sem-abrigo”(!), manifestamente bêbedo. Ao longe, apontando o dedo na minha direcção, com uma mochila as costas, grita: «vou ao lado do velho!» (*isto começa mal!*)... Senta-se, pesadamente, ao pé de mim, “tira-me a fotografia”... Eu faço a mesma coisa! Era quarentão, vestuário quase correcto, mas traços de golpes na cara e cheiro a álcool...

- El.: «Os velhos... eu respeito-os», diz acariciando o interior do meu casaco. «Quem é o senhor? A sua raça?» diz, olhando intensamente o que ele chamará o meu “dossier” ou a minha “pasta” «...com o seu dossier de couro, quem é o senhor?»

Claro que esta intrusão violenta me põe pouco à vontade... No entanto, penso nas atitudes rogerianas em terapia (empatia, congruência, positividade incondicional); mas neste contexto não é evidente! Centrar-me sobre a pessoa, escutá-la, mesmo quando ele me questiona de modo policial...

- (Ele.) «O senhor tem uma boa ‘bouille’ (uma boa cara)!
- E.: «Como a do Pai Natal!

Ele fica furioso... tive mesmo a impressão de que me ia bater... (Ele pensou, sem dúvida, que eu o gozava)

- El. Não, deixe o Pai Natal tranquilo (eu não acredito!)! É ao senhor que estou a falar!²... O senhor não responde às minhas perguntas! O que fez esta manhã?

Decido-me a responder e a dialogar *em verdade*...

- E.: «Li.»
- El.: «O quê?»

1 As classes sociais, as profissões. encontram-se assim catalogadas como “raças”. Ele volta mais tarde às “raças” (as diferenças sociais e culturais). Eu reajo evocando o meu desacordo. «Eu sou anti-racista. Somos todos iguais.» Ele manifestará o seu acordo, mas lamentando ter-se deixado “apanhar” nas suas contradições («OK, merda! Ele apanhou-me!»).

2 Por outras palavras, «não se esconda atrás de um papel (de Pai Natal)... é a você que falo».

Jeudi 23 Mars 2005

De Pamiers, je dois me rendre à Toulouse pour une réunion de sensibilisation à la thérapie rogerienne (le soir, Centre Naissance à l’écoute) et pour la soutenance de thèse d’Alexandra (le lendemain). Je veux prendre le train, mais un car est prévu jusqu’à la gare d’Auterive (30 kms; 20 minutes) où nous prendrons le train pour Toulouse.

Il y a du monde du car, je m’assieds côté fenêtre, une place est libre à ma droite, côté couloir. Je vois arriver un homme, «style sdf»(!), manifestement saoul. De loin, pointant son doigt dans ma direction (il garde son sac de montagne dans le dos), il crie: «je vais à côté du vieux»! (ça commence mal!)... il s’assied lourdement près de moi, me dévisage... je fais de même! La quarantaine, tenue à peu près correcte, mais des traces de coup sur le visage, et puant l’alcool...

- (Lui) L. «Les vieux.. je les respecte, dit-il en caressant le revers de ma veste .. qui vous êtes? votre race?» dit-il en regardant intensément ce qu’il appellera mon «dossier» ou mon «sac» (serviette). «Avec votre dossier en cuir, vous êtes qui?»

Bien entendu cette intrusion violente me met d’abord mal à l’aise, .. je pense cependant aux attitudes rogeriennes en thérapie (empathie, congruence, positivité inconditionnelle), mais dans ce contexte ce n’est pas évident! Se centrer sur la personne, être à son écoute, alors même qu’elle me questionne sur le mode policier..

- L.: «(Lui) Vous avez une bonne ‘bouille’ (un bon visage)!
- M.: «(Moi) Comme celle du Père Noël!

Il se met en colère .. j’ai même eu l’impression qu’il allait me frapper ..(il a pensé sans doute que je me moquais de lui!)

- L.: «Non, laissez le Père Noël tranquille (je n’y crois pas!)! c’est à vous que je parle!².. Vous ne répondez pas à mes questions! Qu’est-ce que vous avez fait ce matin?

Je me décide à lui répondre et à dialoguer *en vérité*...

- M.: «J’ai lu»
- L.: «Qu’est-ce que vous avez lu?»

1 Les classes sociales, les professions .. se trouvent ainsi cataloguées “races”. Il revient plus tard sur les “races” (les différences sociales et culturelles) . je réagis en évoquant mon désaccord. «Je suis antiraciste.. Nous sommes tous égaux.» Il manifestera son accord, mais en regrettant de s’être «fait avoir” dans ses contradictions («OK, merde alors! Il m’a eu!»).

2 En d’autres termes:«ne vous cachez pas derrière un rôle (Père Noël).. c’est à vous que je parle!».

- E.: «Uma tese sobre os deficientes, cegos e surdos.»
 - El.: «Ah, um *prof!*!... O que está no seu saco... Abra o seu saco!» (*interiormente, sorriu, pensando que ele quer que eu esvazie o meu saco, que diga tudo sobre o que sou! Definição do ser pelo seu haver: cara, corpo, pasta...*).
 - E.: «No meu saco tenho a tese de Alexandra que vai ser defendida amanhã em Toulouse...»
 - El.: «Ah! Abra o seu saco, mostre-me a tese!»
- Abro a pasta, tiro a tese e mostro-lha... A sua atitude muda, como se a minha resposta fosse um sinal de confiança em relação a ele...

Lê atentamente, e em voz alta, o título: «A vivência psicológica dos adolescentes deficientes sensoriais: auto-estima, sentimento de integração, *stress*, estratégias de *coping* e orientação de si dos adolescentes deficientes auditivos ou visuais... Ele pára nas palavras “psicológico” e *coping*, mas não faz perguntas. De seguida, lê «os membros do júri».

- El.: «Mas então, o senhor é juiz?!»
- Explico-lhe que nem todos os júris são “judiciais”!..
- El.: «Está bem... A capa é bonita³, mas o importante é o que está por baixo!...»

Folheia a tese e por duas vezes finge entregar-ma e depois retoma-a (*como para testar a minha confiança: «eu podia roubar-lhe este objecto precioso...»*). Enfim, devolve-ma, satisfeito... Tenho algumas dificuldades em colocar a tese na pasta; ele apercebe-se das minhas tremuras.

- El.: «Espere, eu ajudo-o... não tenha medo de mim!»
- E.: «Eu tremo desde criança... isso não tem nada que ver consigo!»

Então ele coloca-me algumas questões sobre o meu *handicap* e as suas origens... e depois sobre as minhas próprias origens.

- El.: «Eu respeito os velhos, porque eles viveram coisas que nós não conhecemos. O senhor foi resistente?»
- E.: «Não, durante a guerra eu era criança.»
- El.: «Já matou alguém?»
- E.: «Não.»
- El.: «Eu sim... (*sequência de frases murmuradas e de silêncio...*)»
- El.: «Qual é o seu primeiro nome?»
- E.: «Pierre.»

- M.: «Une thèse sur les handicapés, aveugles et sourds...»

- L.: «Ah, un *prof!*!... Qu’est-ce que vous avez dans votre sac... ouvrez votre sac!» (*intérieurement, je souris, en pensant qu’il veut que je vide mon sac, que je dise tout de ce que je suis! Définition de l’être par son avoir: visage, corps, serviette*).

- M.: «Dans mon sac j’ai la thèse d’Alexandra qui va être soutenue demain à Toulouse...»

- L.: «Ah! Ouvrez votre sac, montrez moi la thèse!»

J’ouvre le sac, je sors la thèse et la lui montre. Son attitude change, comme si ma réponse était signe de confiance à son égard.

Il lit attentivement, et tout haut, le titre: «Le vécu psychologique des adolescents déficients sensoriels: estime de soi, sentiment d’intégration, *stress*, stratégie de *coping* et orientation de soi chez les adolescents déficients auditifs ou visuels». Il s’est arrêté sur les mots «psychologique» et sur *coping* mais ne pose pas de question. Il lit ensuite «les membres du jury».

- L.: «Mais alors, vous êtes juge?!»

Je lui explique que tous les jurys ne sont pas «judiciaires!»

- L.: «C’est bien. La couverture est jolie³, mais l’important c’est ce qu’il y a dessous!...»

Il feuillette la thèse et par deux fois fait semblant de me la rendre puis la reprend (*comme pour tester ma confiance: «cet objet précieux je pourrais vous le voler»*). Enfin il me la rend, satisfait. J’ai quelques difficultés à remettre la thèse dans la serviette; il perçoit mes tremblements.

- L.: «Attendez, je vous aide. N’ayez pas peur de moi!»

- M.: «Je tremble depuis que je suis enfant. Cela n’a rien à voir avec vous!»

Il me pose alors des questions sur mon handicap et ses origines. Puis sur mes propres origines.

- L.: «Je respecte les vieux parce qu’ils ont vécu des choses qu’on n’a pas connu. Vous avez été résistant?»
- M.: «Non, j’étais enfant pendant la guerre.»
- L.: «Vous avez tué quelqu’un?»
- M.: «Non»
- L.: «Moi, si. (*suivi de phrases bredouillées et de silence...*)»
- L.: «Quel est votre prénom?»

3 Precisemos, para a compreensão do que se segue, que a imagem de fundo da capa representa a mão de Deus e a de Adão, simbolizando a «criação de Adão», obra de Miguel Ângelo.

3 Précisons, pour la compréhension de la suite que l’image de fond de la couverture de la thèse représente la main de Dieu et celle d’Adam symbolisant la «création d’Adam», œuvre de Michelangelo.

- El.: «Bem, senhor Pierre, o senhor é simpático. Apertemos a *mãozada* (a mão).» No decurso dos minutos seguintes ele proporá quatro vezes este ritual de comunicação; mas, na quinta vez, ele estende o seu indicador e pede-me para lhe tocar com o meu... Só no dia seguinte compreendi o sentido deste gesto em relação com a capa da tese e a criação de Adão... O aperto de mão vem pontuar um acordo ou uma situação comparável:
- El.: «O senhor tem uma companheira?»
- E.: «Não, vivo sozinho.»
- El.: «Eu também!» (*mãozada!*) «E já teve alguma?»
- E.: «Sim, mas estou divorciado.»
- El.: «Eu também!» (*mãozada*) «Batia-lhe?»
- E.: «Não!»
- El.: «Eu, sim!» (*nada de mãozada!*)
- El.: «O que lhe fez?...»
- E.: «Tínhamos divergências (!)»
- El.: «Ninguém é perfeito!...»

Ele associa a estima de si próprio às questões que coloca: «Isto é uma boa questão, não é?» Por várias vezes foi levado a falar de si, sem ligação com as suas questões. Mas estas são um meio de se valorizar e de testar a confiança que me pode conceder. Fico a saber, por exemplo, que ele vem de Andorra, onde comprou cigarros para vender em França.

De repente, dá-lhe vontade de fumar, mesmo sendo proibido no autocarro. Faço-lho reparar. Ele não dá importância e acende o cigarro. O condutor, pelo microfone, lembra que é proibido fumar. «É um bocado exagerado que não possa passar um quarto de hora sem fumar!» O meu questionador apaga o seu cigarro, esmagando-o na unha do polegar! Alguns segundos mais tarde, ele ouve um telemóvel. Volta-se para o jovem em questão e diz-lhe: «Se for para mim, diga que não estou cá!»

- El.: «Então, assim, o senhor é psiquiatra?»
- E.: «Não, sou psicólogo.»
- El.: «Ah, isso convém-me! Mas é freudiano ou laciano?»
- E.: «Nem um, nem outro, sou rogeriano.»
- El.: «Quem é isso, Roger (Rogé) ?»
- E.: «Não, Rogers (Rodgersse), Carl Rogers, que propôs uma terapia centrada na pessoa.»
- El.: «Escreva-me o nome!»
- E.: «Não tenho papel.»

- M.: «Pierre»
- L.: «Bon, monsieur Pierre, vous êtes sympa. Serrons-nous la *paluche* (la main).» Il proposera quatre fois ce rituel de communication au cours des minutes suivantes; mais la cinquième fois il tend son index et me demande de le toucher avec mon index. Je n'ai compris le sens de ce geste que le lendemain, en relation avec la couverture de la thèse et la création d'Adam... La poignée de main vient ponctuer un accord ou une situation comparable:
- L.: «Vous avez une copine?»
- M.: «Non, je vis seul»
- L.: «Moi aussi!» (*paluche!*) «Vous en avez eu une?»
- M.: «Oui, mais je suis divorcé.»
- L.: «Moi aussi!» (*paluche*) «Vous l'aviez battue?!»
- M.: «Non!»
- L.: «Moi si!» (*pas de paluche!*)
- L.: «Qu'est-ce que vous lui avez fait?»
- M.: «On avait des divergences (!)»
- L.: «Personne n'est parfait!»

Il associe l'estime de lui-même aux questions qu'il pose: «Ça, c'est une bonne question, pas vrai?» Il est amené à plusieurs reprises à parler de lui, sans lien avec ses questions. Mais celles-ci sont un moyen de se valoriser et de tester la confiance qu'il peut m'accorder.

J'apprends par exemple qu'il vient d'Andorre où il a acheté des cigarettes pour les revendre en France.

Du coup, il lui prend envie de fumer, alors que c'est interdit dans le car. Je le lui fais remarquer. Il passe outre et allume sa cigarette. Le conducteur par micro rappelle qu'il est interdit de fumer. «C'est quand même un peu fort que vous ne puissiez pas vous en passer pendant un quart d'heure!». Mon questionneur éteint alors sa cigarette en l'écrasant sur l'ongle de son pouce! Quelques secondes plus tard, il entend la sonnerie d'un téléphone mobile. Il se tourne vers le jeune concerné et lui dit «Si quelqu'un me demande, vous dites que je ne suis pas là!»

- L.: «Alors, comme ça vous êtes psychiatre?»
- M.: «Non, je suis psychologue.»
- L.: «Ah, ça m'arrange! Mais vous êtes freudien ou laciano?»
- M.: «Ni l'un, ni l'autre, je suis rogerien.»
- L.: «Qui c'est ça, Roger (Rogé)?»
- M.: «Non, Rogers (Rodgersse), Carl Rogers, qui proposait une thérapie centrée sur la personne.»
- L.: «Ecrivez-moi son nom!»

Ele tira do bolso um bocado de papel oleoso, do tamanho de quatro selos. Eu escrevi Karl Rogers⁴. Ele guarda o papel no bolso, com satisfação, dizendo:

- El.: «É importante para mim, o que o senhor acabou de fazer...
- ... Nas terapias acontece que uma pessoa muda a partir das palavras que o senhor pronunciou?»
- E.: «Sem dúvida, mas raramente o sabemos... ou vinte anos depois! Mas o importante é que a pessoa o descubra por si própria.»
- El.: «E o terapeuta também pode mudar?»
- E.: «Claro, ele também está implicado.»

Ele põe-se a bater fortemente no cimo da pasta (a ponto de se magoar nos dedos), dizendo:

- El.: «É forte, o que está lá dentro!... Gosto de poesia... Nerval... Baudelaire... e o senhor, qual é o seu poeta preferido?»
- E.: «Nestes dias, Du Bellay, porque escreveu «Feliz quem como Ulisses fez uma bela viagem e depois voltou gasto e cheio de razão viver entre os seus⁵ o resto da sua vida» e isto corresponde bem às minhas preocupações...»
- El.: «Ah, sim, Du Bellay, um poeta da Idade Média... Proponho-lhe também uma frase: “É preciso ter vivido um caos interior para ver a vida com a beleza da estrela cadente.” (*Ele associa esta frase a Nietzsche*)⁶. Agora, de que é que o senhor gostaria?»
- E.: «Vou ser operado à vesícula biliar. Gostaria que corresse bem!»
- El.: «Bem, aí, eu paro com as minhas perguntas. Mas o senhor deveria comer menos!»

Ele não dirá o que ele gostaria, porque chegamos à estação de Auterive. Antes de descer, propõe que nos abracemos. O que nós fazemos. Ele desce e vai falar com o chefe da estação. Eu subo para o comboio. Ao passar no corredor, ele vê-me e diz «É o senhor?» (*como que para se convencer de que não tinha sonhado o nosso diálogo!*), «Sim». Ele volta-se, então, para dois viajantes e diz-lhes «Reconheceram-no? É ele! É o meu mestre de pensamento!»

4 O facto de ter escrito *Karl* e não *Carl* mostra que eu não estava totalmente sereno!

5 Depois de verificação: Du Bellay não falava apenas de Ulisses, ele também evocou Jasão, que conquistou o toirão de ouro. Ele disse «viver entre os seus pais...» e não «viver entre os seus». Estes erros e esquecimentos são significativos para mim! Eu acabo de voltar para viver na cidade da minha infância...

6 Não conhecia esta referência, mas um colega português informou-me de que há uma frase de Nietzsche inscrita numa estação de metro de Lisboa que é a seguinte: “Não há caos maior do que parir uma estrela que dança” (É preciso termos o caos dentro de nós para dar à luz uma estrela cintilante, dançarina, bailarina... segundo as diversas traduções encontradas na Internet.)

- M.: «Je n’ai pas de papier.»

Il sort de sa poche un morceau de papier huileux, grand comme quatre timbres. J’y écris Karl Rogers⁴. Il empoche le papier avec satisfaction en me disant:

- L.: «C’est important pour moi, ce que vous venez de faire...
- ... Dans les thérapies, il arrive qu’une personne change à partir de mots que vous avez prononcés?»
- M.: «Sans doute, mais on le sait rarement. Ou vingt ans après! Mais l’important est ce que la personne découvre par elle-même.»
- L.: «Et le thérapeute il peut changer, lui?»
- M.: «Bien sûr, il est impliqué lui aussi.»

Il se met à taper très fort sur le haut de la serviette (au point de se faire mal aux doigts) en disant:

- L.: «C’est costaud ce qu’il y a là-dedans!... J’aime la poésie. Nerval.. Baudelaire. Et vous quel est votre poète préféré?»
- M.: «Ces jours-ci, Du Bellay, parce qu’il a écrit «Heureux qui comme Ulysse a fait un beau voyage et puis est retourné plein d’usage et raison vivre parmi les siens⁵ le reste de son âge» et que ça correspond bien à mes préoccupations et à mes stratégies.»
- L.: «Ah, oui, Du Bellay un poète du Moyen-Âge. Je vous propose aussi une phrase: «Il faut avoir vécu un chaos intérieur pour voir la vie avec la beauté de l’étoile filante». (Il associe cette phrase à Nietzsche)⁶. Maintenant, qu’est-ce que vous aimeriez?»
- M.: «Je dois être opéré de la vésicule biliaire. J’aimerais que ça se passe bien!»
- L.: «Bon, là, j’arrête mes questions. Mais vous devriez manger moins riche!»

Il ne dira pas ce qu’il aurait aimé, car nous arrivons à la gare d’Auterive. Avant de descendre il me propose de nous embrasser. Ce que nous faisons. Il descend et va parler avec le chef de gare. Je monte dans le train. En passant dans le couloir, il me voit et me dit «c’est vous?» (comme pour se convaincre qu’il n’a pas rêvé

4 Le fait d’avoir écrit *Karl* et non *Carl* montre que je n’étais pas totalement serain!

5 Après vérification: Du Bellay ne parlait pas que d’Ulysse, il évoquait aussi Jason qui conquiert la toison d’or. Il dit «vivre entre ses parents» et non «vivre parmi les siens». Ce sont là erreurs et oublis significatifs pour moi! Je viens de revenir vivre dans la ville de mon enfance.

6 Je ne connaissais pas cette référence, mais un collègue portugais m’a signalé que la phrase de Nietzsche, inscrite dans une station de métro de Lisbonne, était la suivante: «Il faut un grand chaos (intérieur) pour enfanter une étoile filante» (étoile scintillante, dansante, ballerine.. selon les traductions évoquées dans Internet).

Todo este argumento durou menos de vinte minutos! Mas tratava-se de teatro, de cinema? Durante esses 20 minutos, o “Senhor Questionador”, de quem não conheço nome, nem apelido, nem alcunha, terá conseguido dialogar comigo, obtendo uma grande quantidade de informações sobre mim, e desvendando um mínimo sobre si próprio.

E no entanto... tive o sentimento de que se passou alguma coisa também para ele. Devo precisar que a partir do momento em que decidi «falar de verdade» (congruência) deixei de sentir o seu cheiro a álcool e de ver as cicatrizes da sua cara... Fiquei centrado sobre os seus olhos, móveis e vivos.

De seguida, disse a mim próprio que estes 20 minutos eram a terapia mais curta da minha vida profissional... Ela foi Centrada na Pessoa, sim, mas em qual? A minha? É certo. A sua? Talvez as duas? Sem dúvida! Aparentemente, este diálogo não tem nada de rogeriano e nada de terapêutico... E no entanto?!... Passou-se alguma coisa importante para os dois protagonistas.

notre dialogue!), «oui». Il se tourne alors vers deux alpinistes proches et leur dit: «Vous l’avez reconnu? C’est lui! C’est mon maître à penser!».

Tout ce scénario a duré moins de vingt minutes! Mais s’agissait-il de théâtre, de cinéma?

Pendant ces 20 minutes, Monsieur le questionneur, dont je ne connais ni nom, ni prénom, ni surnom, aura obtenu de dialoguer avec moi, d’obtenir un grand nombre d’informations sur moi, et d’en dévoiler un minimum le concernant. Et pourtant. J’ai eu le sentiment qu’il s’est passé quelque chose aussi pour lui. Je dois préciser qu’à partir du moment où je décidais de «parler en vérité» (congruence) je ne sentais plus son odeur d’alcool, ne voyais plus les plaies sur son visage. J’étais centré sur ses yeux, mobiles et vivants.

Par la suite, je me suis dit que ces 20 minutes étaient la thérapie la plus courte de ma vie professionnelle. Elle était centrée sur la personne, oui, mais laquelle? L mienne? C’est sûr, la sienne? Peut-être, les deux? Sans doute! Apparemment, ce dialogue n’a rien de rogerien, et rien de thérapeutique. Et pourtant?! Il s’est passé quelque chose d’important pour les deux protagonistes.